



Bluménau

em cadernos

T O M O X — ★ NOVEMBRO DE 1969 ★ — N.º. 11

CANTO DOS COOPERADORES

ESTA PUBLICAÇÃO PODE SOBREVIVER
GRAÇAS À GENEROSA CONTRIBUIÇÃO
DOS SEGUINTEs COOPERADORES:

Cremer S/A. — Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Indústrias Têxteis Comp. Hering S/A.

Dr. Henrique Hacker — Blumenau.

José Sanches Júnior — S. Paulo.

Prefeitura Municipal de Blumenau.

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet — Blumenau.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Eletro Aço Altona S/A.

Blumenau

em cadernos

TOMO X - ★ NOVEMBRO DE 1969 ★ - Nº. 11

BLUMENAU

E A SUA IMPRENSA

VI

“GAZETA DO ITAJAHY”

O aparecimento desse sexto órgão da imprensa blumenauense foi mais uma resultante das anormalidades políticas que agitaram o Município, em 1892 e 1893.

Como vimos, os federalistas, que haviam chegado ao poder pela violência, tendo encontrado dificuldades, por parte do único periódico existente, o “Blumenauer Zeitung”, para a divulgação dos atos oficiais, fundaram, em junho de 1892, “O Município”. Este jornal respondia, com igual violência, aos ataques do órgão republicano e procurava, assim, num esforço verdadeiramente desesperado, conquistar novos adeptos à sua causa que, entretanto, dia a dia mais se desgastava.

Com a aproximação das eleições de 20 de novembro, para a escolha da nova Intendência Municipal, a luta recrudescceu. E, justamente, para a intensificação da propaganda dos candidatos republicanos, foi, por estes, criado um novo jornal, a “Gazeta do Itajahy”, cujo primeiro número deve ter aparecido em meados de outubro de 1893.

Possuímos um único número desse semanário, o nº. 6, de 17 de novembro. Tinha o formato de 28,5 x 40 cm., com 4 páginas, em alemão, mas com vários artigos e algumas notícias em português.

Era impresso nas oficinas do “Blumenauer Zeitung”, de Hermann Baumgarten. Este, possivelmente, redigia a parte alemã, enquanto que a portuguesa ficava a cargo dos republicanos mais em evidência na época, como Bonifácio Cunha, Paula Ramos, Hercílio Luz e outros.

O jornal, como aliás constava do cabeçalho, era "de publicação hebdomadária, de distribuição gratuita entre os eleitores de Itajaí, Blumenau e Brusque". Tratava, quase que exclusivamente, de matéria política, em destaque as eleições citadas.

Teve curta duração, pois desapareceu após a vitória dos republicanos, alcunhados de "lambisas" que tinham, no "Blumenauer Zeitung", um órgão capaz de defender-lhes, galhardamente, a causa.

No Arquivo do Colégio Santo Antônio, existem outros dois números desse jornal.

VII

"DER URWALDSBOTE KALENDER FUER DIE DEUTSCHEN IN SÜD - BRASILIEN"

Tendo deixado a direção do jornal que fundara, o Pastor Hermann Faulhaber não descansou das lides da imprensa. Além de orientar e dirigir o Boletim Mensal da sua Comunidade, preparou e deu à publicidade um interessante almanaque. Deu-lhe o mesmo nome do jornal de que se desfizera: "Der Urwaldsbote", acrescentando-lhe o sub-título de "Kalender fuer die Deutschen in Süd-Brasilien" (Almanaque para os alemães no sul do Brasil). Era relativo ao ano de 1900, mas editado nos últimos meses do ano anterior.

Com 178 páginas, tinha de dimensões 13,5 x 20 cm., com várias ilustrações.

Esse calendário, além de ser, hoje, uma peça bibliográfica rara, tem grande valor histórico pela contribuição valiosa que fornece ao estudo do passado na Colônia Blumenau. Principalmente no que se refere ao desenvolvimento religioso deste município, as informações, que essa publicação fornece, são inestimáveis.

Já nos referimos, quando tratamos de semanário "Der Urwaldsbote", às qualidades que enriqueciam o caráter e o procedimento de Hermann Faulhaber como religioso e como cidadão. Natural da Alemanha, êle aqui se casara com uma blumenauense e, aqui, lhe haviam nascido os seus três filhos. Nutria grande amor por Blumenau e pelo Brasil de sorte que não deixava passar, em vão, as oportunidades que se lhe apresentassem para dizer bem do nosso país e do nosso município.

Essa preocupação ressalta da elaboração do seu almanaque de 1900. Na parte cronológica, propriamente dita, dessa publicação, que ocupava as primeiras 32 páginas, as efemérides, em grande parte, tratavam de homens e fatos da história do Brasil ou, com esta de alguma forma relacionados. E não eram apenas os grandes acontecimentos, os que todos, pequenos e grandes, aprendiam na escola, mas, até mesmo fatos de menor importância histórica que eram citados nessas efemérides, demonstrando os grandes conhecimentos do pastor nessa matéria.

Aliás, isso não era de admirar em um homem que publicaria, poucos meses depois, uma "História do Brasil" para crianças de língua alemã.

Abre a parte literária do Calendário, um artigo sobre a Colônia Blumenau, com interessantes dados históricos da sua fundação e do seu de-

envolvimento, sobressaindo uma tabela dos imigrantes nela entrados, desde 1850 até 1897, distribuídos por nacionalidades, sexo, idade, crença religiosa, grau de instrução, profissões, estado civil, etc.

Dessa tabela verifica-se que entraram na Colônia, naquele período, 18.929 imigrantes, sendo, destes, apenas 14 luso-brasileiros e os demais de diversas outras nacionalidades, preponderando os alemães com 9.883 imigrantes.

A êste estudo segue-se um histórico do protestantismo em Blumenau, com uma interessante transcrição da ata colocada na pedra fundamental do templo evangélico, assentada em 25 de setembro de 1868. Essa ata é um verdadeiro histórico da colonização desta região, com detalhes muito interessantes, visto como registrados por contemporâneos de sua fundação.

Vinham, em continuação, um artigo sôbre o descobrimento do Brasil, outro sôbre o centenário, o quarto, do feito cabralino, com um resumo do desenvolvimento do país nos quatro séculos passados e um histórico da "Escola Nova", de que o citado pastor era diretor; artigos sôbre educação, disciplina escolar, variedades, enigmas, anedotas, etc.

Infelizmente, acolhe o Calendário, em suas páginas, um artigo assinado por um morador de Salto Weissbach, em que se faz a apologia da "All-deutsche Verband", associação de caráter pan-germanista, cujas idéias em nada se recomendavam. Felizmente, foram idéias, essas, que a população de Blumenau sempre repudiou, entrando em conflito com os poucos estrangeiros que procuravam insinuá-las. Sabemos que Faulhaber não partilhava dessas idéias e a sua própria atuação na direção da "Escola Nova" e da Comunidade Evangélica, assim como os seus trabalhos didáticos e históricos constituíam-se num brilhante atestado de repúdio às estranhas teorias daquela associação.

Várias fotografias interessantes ilustram as páginas dessa valiosa publicação que, infelizmente, não foi mais editada nos anos seguintes.

V III

"ALTONAER FASTNACHTS - UMZUG - ZEITUNG"

A 17 de fevereiro de 1901, apareceu, com êsse pomposo título, no bairro de Itoupava-Sêca, um jornal carnavalesco, de humorismo e crítica.

De pequeno formato, 23 x 31 cm., de 4 páginas, impresso em papel colorido, era inteiramente redigido em idioma alemão, com exceção de alguns versos em português, que tomavam quase tôdas as três colunas da quarta página.

Êsse jornalzinho era, em grande parte, ocupado por críticas a Pedro Cristiano Feddersen, então chefe político local e aos dirigentes do "Der Urwaldsbote" que, com Eugênio Fouquet à frente, representavam preponderante papel na vida político-partidária de Blumenau.

A partir da própria indicação da localidade de publicação do jornalzinho, que aparecia como sendo "Christianópolis", a maioria das críticas, não raro bem pesadas, eram endereçadas aquêles políticos e, o que é sintomático, principalmente aos que defendiam os postulados da "Alldeutsche Ver.in",

sociedade de caráter nitidamente pangermanista. Daí aparecerem, com insistência, nessas críticas os nomes de "Christianpeter", "Fridolin", "Hinschheister", que não eram outros senão Feddersen, Fouquet, Hinsch, êste um dos mais devotados correligionários da "Volksverein", organização política, fundada sob a inspiração da citada "All-deutsche Verband" e com o fim de atuar intensamente na política e na administração do município.

Uma amostra dessas críticas e, também, de que homens de alguma cultura e veia poética estavam por trás dos orientadores do jornalzinho, servem algumas das quadrinhas que ocupavam, como se disse, quase que inteiramente, a última página do róseo e brejeiro periódico.

Referindo-se, por exemplo, a Feddersen que como comerciante, aceitava dinheiro em depósito, dos colonos, como, aliás, era costume e natural, naquele tempo, e que, como político, sonhava com a presidência da Câmara Municipal, diziam os versos:

"Ter em contos uns cem contos,
Um par de óculos do nariz,
Já se julga os gozos prontos
Que importa que esqueçam pontos,
Sem ter questão de verniz?
Quando passa o Peter Sen,
Repimpado na cabeça,
Fazendo que mesmo pensem
Os que inda o não conhecem
Que anda certo da cabeça.

Se o balanço delicado
O embala em doce sono
No luzente prateado,
Se enxerga o cobre fiado
Que tomara do colono?
Ser eleito presidente
Da Câmara pro bem geral
Pagar bebida em torrente
Para as festas do Eminente
Não foi também carnaval"?

E, sôbre a ponte "Lauro Müller", sôbre o rio Itajaí Açu, no lugar Salto Weissbach, que desde 1896 não fôra além dos pilares montados em granito, no meio do rio, que já haviam custado muito dinheiro em gêneros alimentícios, fornecidos pelo negócio do próprio Feddersen, e em mão-de-obra, diziam os versinhos:

"Quem passa a estrada do Salto
Repara, a olhar o infinito,
Um par ereto, bem alto,
De pedestais em basalto.
É o carnaval de granito.
Há naquelas pedras toscas
Em carne-sêca e café
Dança de arame pra môscas
Mais massa, por contas foscas
Que as pedras que estão de pé.

Em toucinho, o mais perfeito
Há um carnaval colosso.
É o exemplo mais bem feito
De como se pode, a jeito
De pedra fazer-se um osso.
Pra fazer de máscara vêzes
Se esforça essa gente agora.
"Se os meses todos são meses,
De cancas e de entremeses
Por êste Blumenau a fora".

Embora não possamos afirmá-lo com segurança, é de todo provável que êsse jornalzinho tenha sido publicado também nos anos seguintes mas sob o título de "Bummelauer Fastnachts-Zeitung", como veremos quando tratarmos dêsse jornal. Entretanto, com o nome de "Altonaer Fastnachts-Umzug-Zeitung", êsse, de 17 de fevereiro de 1901, foi o único número publicado.

Há um exemplar dêle na Biblioteca Pública Municipal de Blumenau, na estante destinada à literatura do Vale do Itajaí.

BRUSQUE, A IMIGRAÇÃO E A POLÊMICA REIVINDICATÓRIA

Afonso IMHOF

INTRODUÇÃO

Fomos às fontes fidedignas da Sociedade Amigos de Brusque e pesquisamos um tema social que nos pudesse situar nos tempos coloniais com os seus problemas sociais, administrativos e econômicos.

Encontramos uma série de documentos úteis, históricos, conservados, enumerados, catalogados, datados e expostos à visitação (1).

Escolhemos na História Imigratória de Brusque, uma polêmica, entre o francês Louis Michel e Maximiliano von Borowski.

A polêmica criada motivou-se por várias razões - o militar Michel reclama e denuncia - Von Borowski defende a administração, também refusingo às críticas do primeiro de um modo violento e desacatante. Respondeu à altura.

Nós comentaremos os trechos dos documentos, traduzindo o francês inserido no livro - "BRUSQUE - SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DE UMA COLÔNIA NOS TEMPOS DO IMPÉRIO", de autoria do Prof. Osvaldo Rodrigues Cabral, bem como a de Borowski que estava escrito me idioma pátrio, no entanto já podemos conhecê-la no português corrente.

CAUSAS

Datavam de 1875 as entradas na Colônia de Itajaí de imigrantes que tanto viriam a perturbar a vida colonial. "Havia uma afluência de elementos indesejáveis, a própria falta de dinheiro para atendê-los, nas suas exigências parecem ter contribuído para desgostar o Diretor que tanto realizara e conseguira tornar concretas muitas das esperanças do Barão de Schneeberg" (2).

Tais medidas incorretas de invasão desorganizada em nossa Colônia proporcionara descontentamento por parte dos mesmos imigrantes. Não encontravam medidas cabíveis à sua frustada e recalçada vinda, como solução muitos emigravam.

O afluxo ininterrupto e numeroso de elementos humanos, sem estar a Colônia habilitada para recebê-los e localizá-los imediatamente era o "mal maior". Não queriam tudo: casas, caminhos, lavouras - mas ao menos - seus lotes. Pode-se aventar a idéia de que muitos imigrantes eram indesejáveis porque não tinham queda alguma para a vida agrícola e que talvez nem pretendiam fixar-se.

Cabral diz que tôdas as complicações verificadas resultaram não apenas disto citado, mas principalmente do fato de serem os Diretores obrigados a conservar tôda essa gente aglomerada, reunida nos barracões de recepção sem trabalho, com tempo para fomentar intrigas e ampliar descontentamentos e trabalhos públicos dos quais pudesse obter algum dinheiro. Tudo resultou da falta de prévio loteamento da área colonial que permitisse a imediata colocação dos imigrantes, dispersando-os e encaminhando-os para o trabalho a que vieram destinados.

Os jornais da época - e é bom que se diga, cometiam talvez omissões quanto à vinda de francêses. Nos documentos relacionados, no caso jornal "O Despertador" e as datas respectivas, nos dão uma noção, e chamamos atenção para êste particular: no "Arinos" (navio) vieram 60 pessoas de diferentes nacionalidades, acusadas que foram de "maltrapilhos" e pensionistas do Estado.

DATA DA EDIÇÃO

Doc - 142 - "O DESPERTADOR" - 16-1-1875	11 pessoas
Doc - 143 - "O DESPERTADOR" - 23-1-1875	1 pessoa
Doc - 144 - "O DESPERTADOR" - 15-5-1875	150 pessoas
Doc - 145 - "O DESPERTADOR" - 19-6-1875	60 pessoas
Doc - 146 - "O DESPERTADOR" - 12-6-1875*	32 pessoas

*Sendo trazidos pelo Conde D'Eu, ficando, conforme o documento da Sociedade Amigos de Brusque, n.º. 146-239 imigrantes, 32 pessoas para Brusque e 207 para Blumenau.

Doc - 147 - "O DERPERTADOR" - 24-7-1875	240 pessoas
---	-------------

Assim teríamos 494 imigrantes. Fato êste que desagrada Betim Paes Leme, tornando-lhe intolerável, tanto mais que suas advertências a respeito eram positivas, o tivesse levado à Côrte, a fim de expôr ao Ministro de Agricultura o problema que se estava criando na Província e principalmente em Brusque - nome que êle aliás nunca usou na sua correspondência. Assim foi que obteve a 1.º de dezembro (1875) três meses de licença, passou a direção a Borowski e seguiu para o Rio de Janeiro.

Como Luís Betim Paes Leme licenciara-se, assumiu as suas funções, Maximiliano Von Borowski, comandando a Colônia. Ingressou em tempos tempestuosos e tumultuados.

O memorial que o colono francês Louis Michel apresentou ao Presidente da Província, era uma queixa contra o diretor que se licenciara e quando ela feita Borowski a respondeu por achar-se interinamente no cargo.

Seu nome era LUIS ARMANDO AFONSO MICHEL - fôra militar na França, tendo pertencido ao 6.º batalhão do Loire Inferior; e, em 1870, alcançara o pôsto de subtenente, considerado como enérgico, devotado e inteligente. Possuia a medalha militar e emigrou juntamente com outros companheiros em 1875.

RELATO DE MICHEL

"Aproveito a minha estada em Santa Catarina (queria dizer, na capital) para trazer ao Vosso conhecimento Senhor Presidente, o modo pelo qual são administrados os colonos em Brusque e como o Regulamento é seguido por êles.

Parti do Rio de Janeiro a 18 de outubro último, com destino à Brusque, como colono agricultor francês".

Até aí foi um relato introdutório. No 3.º período já inicia a polémica com respeito ao isolamento dos francêses em Brusque. Ei-la:

"Durante todo o tempo da viagem, não tendo senão a louvar as atenções e os cuidados que recebi, mas nota-se que o sistema de isolamento que existe em Brusque relativo aos francêses, senão existia e êles recebiam o mesmo tratamento dado aos colonos de outras nacionalidades".

Num trecho subsequente Michel novamente investe sobre a administração do diretor e desta feita com respeito a audiência, e que depois Borowski, abafa. Eis Michel:

“Cheguei a Brusque a 1º. de novembro com dois outros companheiros, um francês, o sr. Touchaux e o outro espanhol. Cheguei numa segunda feira e o Diretor, não sendo visível senão duas vezes por semana, às quartas e aos sábados, forçado fui a esperar pela quarta-feira.

O senhor Diretor, depois de me haver fornecido um crédito de 6 mil réis, uma pá, uma picareta, um podão, um machado e uma enxada, entregou-me uma carta para um batador N. José a fim de que nos fizesse ver os lotes.

A quantidade não era grande na Colônia, não existiam senão três para a Direção, lotes que já haviam sido recusados por todos os colonos a quem haviam sido oferecidos, pois dêles não havia possibilidades de tirar qualquer vantagem”.

BOROWSKI E AS REFUTAÇÕES

A 4 de janeiro de 1876, Borowski refuta e desconsidera: a) o diretor o havia recebido na terça-feira; b) havia vários lotes. Vejamos:

“Tenho a honra de acusar o recebimento do officio de V. Excia., datado de 30 de Dezembro do ano próximo passado, em que V. Excia. me ordena informar sobre os fatos expostos pelo colono francês Louis Michel, na memória anexa ao dito officio.

Sobre a primeira parte da dita memória cumpre me declarar a V. Excia. que quando aqui chegou Michel com alguns patrícios, o Diretor se achava incomodado, eu porém, como me cumpria neste caso, instalei-os na casa de Pasto, onde receberam comedorias nos primeiros três dias.

No dia seguinte foram êles falar com o Sr. Diretor, receberam as ferramentas de costume e foi-lhes recomendado de imediatamente escolher os lotes ou no Distrito de Cedro ou no de Tijucas, onde havia diversos lotes vagos”.

MICHEL E O REGULAMENTO

Michel apegara-se a um lote aguacento, disse que a Direção era desinteressada em resolver os problemas, não fornecia lista de lotes vagos. Tratou de início do arroteamento a fim de construir a sua casa, Queria tentar a cultura do café por processos de plantio desconhecido no Brasil (segundo êle mesmo).

“Quando voltei a Brusque para receber o dinheiro que me podia servir, bem como o que me era necessário para a edificação da minha casa, infelizmente sofri o desgosto de ver que o regulamento não era obedecido.

Mas adiante êle afirma:

“A generalidade dos colonos fia-se nos prospectos que distribuem os agentes autorizados pelo governo brasileiro na Europa que se ocupa da imigração, prospectos que afirmam:

1º. — O Governo brasileiro dá a todo imigrante, a título de adiantamento, uma casa provisória, bastante espaçosa para conter uma família.

- 2º. — Um terreno arroteado, sementes, a fim de poder ter, em breve tempo, legumes que são um grande auxílio para a nutrição de uma família;
- 3º. — Seis meses de mantimentos;
- 4º. — Utensílios aratórios, bem assim os necessários à colonização;
- 5º. — 20\$000 a título gratuito a tôdas as pessoas de mais de dez anos e tendo menos de 50 anos”.

SEMENTES APENAS

Borowski não conseguiu defender o que Michel propusera nos 5 itens. Apenas disse que o Regulamento não é conhecido, e tem razão, pois ao nosso ver, não consistiam aquêles 5 (cinco) artigos em regulamentos aqui na Colônia, mas tão somente na Europa no afã de aliciar colonos o govêrno fazia promessas excessivas, autorizava a prometer, mas a circunstâncias não lhe permitiam dar integral cumprimento.

...“quanto ao fornecimento de sementes de que reza o Regulamento não é conhecido pela Diretoria, segundo a imputação de Michel, tenho a dizer que êste auxílio se acha incluído na quantia de Rs. 50\$000...”

FAMÍLIAS TIROLESAS

Nós no trabalho a princípio falávamos sôbre a desordem que causava as imigrações feitas contra a vontade da Direção da Colônia. Causava dissabores para ambas as partes: dirigentes e dirigidos. Vejamos Michel num trecho de sua carta denunciar o abandono.

“Há um mês Sr. Presidente, que 300 famílias tirolesas chegaram a Brusque, e não possuem ainda um lote, elas perceberam os subsídios a que tinham direito, gastaram-nos e no dia que as colocarem de posse dos seus lotes, não tendo mais dinheiro, além do que lhes entrar dos trabalhos nas estradas, ou fugirá ou se entregará aos excessos censuráveis contra os colonos que tenham coisa em coisa”.

“Eis Sr. Presidente, o fato deplorável que tenho a honra de vos assinalar por minha própria iniciativa persuadido de que não o levareis a mal...”

Prossegue êle com sugestões sociais e econômicas para resolver o impasse. No tocante à administração, sugere imparcialidade à tôdas as nacionalidades, “pulso de ferro”.

Borowski vê a causa do problema dum modo bastante claro e justo: “os agentes na Europa ganhavam por colono aliciado. Estava em vigor o famigerado contrato Caetano Pinto que o seu interêsse era propiciar a vinda de maior número possível de imigrantes, sem seleção alguma”. (3)
Cabral — OP, CIT.

Vejamos Borowski:

“O autor da memória também se refere às famílias tirolesas últimamente aqui chegadas, dizendo que elas se acham sem lotes e que, acabados os auxílios a que tem direito, terão lugar funestas conseqüências.

Como V. Excia. sabe, deu-se o fato de o Govêrno mandar quase 1000 pessoas sem termos lotes medidos. O govêrno porém, naturalmente, dará as providências para evitar qualquer excesso. Êles per ora trabalham

na estrada e em geral estão contentes. Creio que o zeloso sr. Chefe da Comissão poderá efetuar a medição dos lotes em menos de 2 meses, durante este tempo naturalmente devem eles viver do que ganham no serviço da estrada”.

CONCLUSÃO

Sendo o nosso trabalho feito em partes comentadas por nossa pessoa com auxílio básico do livro, do Cidadão Honorário de Brusque, Dr. Osvaldo Rodrigues Cabral, (obra citada), temos agora pouco a concluir.

Um fato nos chama atenção: o sofrimento desses intelizes e miseráveis imigrantes, seduzidos por uma esperança febril de melhorar as suas vidas, vinham miseravelmente alojados em navios.

Chegados ao Rio de Janeiro, eram reembarcados imediatamente para Santa Catarina. Encheu-se a Colônia. Superlotou-a o Governo. E, aos apêlos dos Diretores de que não mandasse mais gente, respondia-se com levadas de cem, duzentos, quatrocentos imigrantes. A questão era não deixá-los na Côte aos olhos de toda a gente. E os despachavam, criando os mais sérios problemas para os Diretores das Colônias, que se viam com toda uma verdadeira multidão de pessoas, sem lotes para localizá-los, sem dinheiro para alimentá-las, sem recursos para socorrê-las.

Fato lastimável ainda o não ter havido escolha prévia dos elementos. O contrato Caetano Pinto, dizia ser obrigação introduzir colonos “agricultores, sadios, laboriosos e meralizados” — mas em verdade vinham os que se inscreviam.

A intensificação de um movimento sem as providências mais elementares para um acolhimento exato, criou os maiores obstáculos à vida de Brusque — mas não só a ela, também à Província e à própria nação”. (3)

BIBLIOGRAFIA E NOTAS

1 — A SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE, é presidida pelo incansável pesquisador das nossas coisas históricas, folclóricas e culturais, autodidata, Sr. Ayres Gevaerd. Ao ilustre historiador os nossos agradecimentos.

2 — CABRAL OSVALDO R., - “Subsídios para a História de Uma Colônia nos tempos do Império” - pag. 157.

3 — CABRAL, OSVALDO R. - Op. Cit. - P.P. - 170-171.
— Documentos, Jornais - da S.A.B.

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) NCr.\$ 5,00 —

Redação e Administração: Alamêda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

REMINISCÊNCIAS

H. P. Zimmermann

Como é sabido, minha terrinha natal, ou seja o atual Município Gaspar, tem uma população de curiosa composição étnica. Lá chegaram, nos idos tempos de 1832, as famílias alemães, que para lá se transferiram da Colônia de São Pedro de Alcântara. Pouco depois vieram famílias flamengas e, depois destas, famílias tirolesas de origem italiana umas, de origem austríaca umas poucas outras. Também algumas famílias espanholas radicaram-se em Gaspar. Também chegaram em várias épocas, famílias açorianas. Em meio desta população havia também um pequeno número de famílias de côr, remanescentes dos escravos das fazendas do litoral. Chegaram a formar um Quilombo em Gaspar, ao qual já me referi em publicações anteriores. Os homens de côr eram tratados com o mesmo respeito e as mesmas atenções que se dispensavam aos demais cidadãos gasparenses. Na margem esquerda do rio Itajaí nomadeavam índios, na vasta planície que vai até o morro do Baú. Desta maneira a população de Gaspar constituiu um curioso colorido ético, de origens as mais diferentes, mas que soube conviver harmoniosamente bem sem que em época alguma, lá se fizessem notar quaisquer dissensões, pretensões ou preferências com origem étnica ou racial. Numas das minhas últimas publicações falei sobre o grupo que comumente se chamava de "grupo dos italianos", ou sejam os tiroleses. Hoje falarei sobre os "alemães" que, ao que tudo indica, foram os primeiros que se fixa-

ram na região em grupos mais numerosos.

As famílias alemães que vieram para Gaspar, foram imigrantes alemães que deixaram a Alemanha em 1828 e, em comêço de 1829 foram levadas do então Destêrro, para a colônia de São Pedro de Alcântara. De acôrdo com as tradições, chegaram a Gaspar em 1832, embora não existam documentos comprobatórios desta data. Vários fatos, porém, indicam que foi naquele ano que elas vieram para Gaspar. Não pôsse assim, não poderiam os colonos de Gaspar ter fornecido produtos da lavoura e outros gêneros alimentícios aos colonos de Blumenau, que vieram em 1850. Outro testemunho, que parece comprovar esta afirmação, é o do Snr. Baungarten, que subiu o rio Itajaí, se não me falha a memória no ano 1856 e que falou das plantações, das pastagens povoadas de gado e dos bonitos laranjais dos colonos que povoavam a margem direita do rio desde Poquinho até Belchior. Dos antigos moradores de Gaspar, dos quais conheci vários e dêles ouvi muitos relatos sobre o passado, também falavam desta data, isto é, o ano 1832. Mas, não é a preocupação de falar sobre a data da chegada dos colonos alemães em Gaspar, que hoje me leva a falar dêles.

As famílias alemães que vieram para Gaspar, na sua grande maioria procedeu da região do Hunsdrueck e do Mosela, na Alemanha. Falavam o sossegado dialeto daquelas regiões limítrofes bastante diferente dos demais dia-

letos alemães. A maioria delas eram pobres, mas sabiam trabalhar na lavoura e muitos dos homens ainda exerciam uma profissão, quase sempre a de construir casas de encaimel, de moinhos e serrarias movidas a força hidráulica e carpintaria em geral. Dotados destes conhecimentos, não tiveram dificuldades em construir os seus engenhos de açúcar e de farinha de mandioca, aprendendo dos colonos açorianos que vieram de outras regiões, como construí-los, pois não conheciam o seu mecanismo. Mais tarde, quando começou a ser povoada a colônia Blumenau, lá facilmente encontraram trabalho, ajudando a construir serrarias e outros engenhos.

Desde o começo dedicaram especial atenção à criação de animais domésticos. Quando as suas plantações de cana-de-açúcar, de mandioca e de milho começaram a produzir, logo trataram de adquirir gado vacum. As vacas forneciam-lhes leite para a alimentação e os bois puxavam os carros e moviam os engenhos. Com o tempo, a criação de gado aumentou bastante, havendo colonos que possuíam bom número de cabeças de gado. Todos criavam em quantidade aves domésticas, galinhas, marrecos, perus e outras espécies. A criação de suínos para a produção de carne e gordura, desenvolveram desde a sua chegada. Mais tarde, podendo dispor de boas colheitas de milho e dos resíduos dos engenhos de açúcar de farinha de mandioca, esta criação tomou vulto regular.

Na ausência de estradas, os colonos locomoviam-se por meio de animais de montaria e todos procuravam possuir bons cavalos. Foram êles também os primeiros, que em Gaspar introduziram as carroças de tração animal e os

carros de mola.

Um traço característico, comum a todos os colonos alemães de Gaspar, era a sua fidelidade à religião. Quase todos eram católicos e praticavam esta religião com muito fervor. Os domingos e os dias santificados eram respeitados a rigor. Nestes dias só faziam o absolutamente necessário, como seja dar rações de torragem a seus animais a lactar as vacas. Depois dirigiam-se todos à igreja, para assistir uma missa e participar das festas religiosas. Nos primeiros tempos vinham todos a cavalo, quando residiam mais distantes da cidade. Homens e mulheres montavam bons animais. As mulheres usavam os pesados roupões de montaria muito em uso naquela época e os homens aparelhavam os seus cavalos com os melhores arreios, chapeados com metal branco e bonitos pelegos de carneiro. Mais tarde, os cavalos de montaria foram substituídos por carroças ou carros de mola, sendo que êstes já traduziam uma certa opulência de seus proprietários. Se a família era numerosa, nêles vinham as mulheres e o condutor, quase sempre também o chefe da família; os demais membros da família vinham ainda a cavalo. Nesses dias ostentavam as suas melhores roupas, mas raramente viam-se vestidos de sêda. Unida, a família dirigia-se à igreja e, depois da missa, reuniam-se com famílias amigas frente à mesa para um bate-papo, ou iam a um dos poucos bares para tomar algum refrêscos ou uma cerveja. Em seguida voltavam, todos juntos, para casa onde ficavam durante o dia, quando não faziam alguma visita a famílias amigas.

Havia entre os homens deste grupo étnico, alguns tipos bem curiosos, alguns que se destaca-

vam pelo seu senso de humor, seus dísticos jacosos ou pela sua gaiatice. Outros, gostavam de pregar peças a seus conhecidos, fazendo-os "entrar numa fria" como hoje costuma-se dizer. Ainda outros, gostavam de contar histórias, falar sobre o passado, comparando-o com o presente. Havia os que falavam sobre qualquer assunto como se fossem profundos sabedores de tudo o que vai pelo o mundo e, finalmente, aqueles que falavam de política e os homens que a faziam com um desembaraço tal, como se nada mais fizessem, do que ocupar-se com política, na realidade só conheciam o chete político local e apenas sabia votar no candidato a cargo eletivo que por êste lhes era recomendado. Oportunamente falarei destes tipos curiosos, que se encontram em todos os agrupamentos humanos.

Nas ocasiões em que havia festas, como por exemplo a de São Pedro, todos gostavam de tomar a sua cerveja, comer bem e divertir-se com os diferentes jogos nas barracas, participar dos leilões e arrematar os objetos leiloados. Nessas ocasiões por vêzes os ânimos axaltavam-se e então podia acontecer, que alguns se atracavam em lutas corporais. Como não costumavam andarem armados, estas contendidas não passavam de um entrevero corpo a corpo, sem maiores consequências e os apaziguadores restabeleciam as pazes entre os contendores,

O grupo étnico a que me refiro, transplantou da Alemanha para o seu nôvo habitat, muitos dos seus antigos usos e costumes. Entre êstes destacavam-se especialmente, a maneira de festejar as festas do Natal, da Páscoa e do Espírito Santo, sempre comemorados solenemente e com certa

pompa, Por ocasião destas festas, todo o trabalho parava por três dias, o primeiro dedicado à festa, os segundo e terceiro, para efetuar visitas a parentes e amigos. Era, nestas ocasiões, em que em tôdas as casas se comia muito bem. Os almoços e os jantares nos dias de festa e nas casas visitadas, não só primavam pela variedade de saborosos pratos, como, pela quantidade de comida servida. Comiam-se perus, galinhas, marrecos e pernis de porcos assados, acompanhado de macarrão feito em casa, arroz e os saborosos bolos cozidos, os Knoedel; êstes fartamente regados com manteiga derretida. Não faltavam também, as mais variadas sobremessas. As famílias rivalizavam entre si no trato que dispensavam a seus visitantes, na qualidade e na quantidade da comida que lhes ofereciam. À tarde, ao café, serviam saborosos bolos e Kuchen, pelo gôsto dos quais, bem se podia avaliar a fartura de ovos e manteiga que havia nas casas.

Foram êstes colonos alemães também, os que em Gaspar organizaram os primeiros conjuntos de canto coral. Cantavam na Igreja e nas reuniões festivas. Era eu ainda menino, quando em Gaspar foi formada a primeira banda de música, que por longos anos abrilhantou as festas. Hoje, Gaspar possui uma boa banda de música e, assim, a tradição não ficou interrompida. Também o teatro era cultivado por meus conterrâneos e muitas foram as peças por êles levadas à cena no velho salão paroquial.

A sociedade em que vivem os homens, não é um fato consumado e não tem estrutura definitiva. Ela é, sim, uma tela de conatos mais ou menos importantes, de comportamentos diferentes

e de permuta de valores culturais de seus componentes. Nela, cada um individualmente ocupa o seu lugar, contribue para as suas modificações e as mudanças de usos e costumes. Da mesma forma, os grupos étnicos que a compõe, participam em maior ou em menor escala nas modificações que nela se operam. Os grandes abalos sociais que caracterizam o tempo que vivemos, por sua vez provam de maneira concludente, que a sociedade humana não pode ser regida simplesmente pelas tradições, porque ela é o resultado de uma constante movimentação de esforços e de tendências e de impactos de mentalidades diferentes, de possibilidades e de capacidade que marcam a vida dos homens e dos grupos étnicos. No correr dos tempos, estes fatores atuam com maior ou menor força para modificar a sociedade em suas estruturas básicas, modificá-la mais ou menos radicalmente ou, na melhor das hipóteses, adaptá-la às formas

do mundo que evolue.

Sirvo-me desta pequena digressão sociológica para concluir, que o grupo étnico radicado em Gaspar, formando hoje pelos descendentes dos velhos imigrantes vindos da Alemanha, também exerceu influência na formação de uma estrutura social, diferente daquela vigente antes de sua chegada e que, por sua vez, recebeu a forte influência do meio em que se colocou. Trazendo para Gaspar um estilo de vida diferente, por assim dizer exótico para a região em que se radicou, nêle recebeu a influência do meio, adotou muitos dos usos e costumes lá vigentes, sem, contudo, perder muito da maneira de viver de seus antepassados. Hoje, em Gaspar, já não se fala mais de alemães, de italianos ou de belgas, porque hoje todos são apenas brasileiros, embora de origem diferente, mas todos unicamente brasileiros.

«DO MEU CADERNO DE RECORDAÇÕES»

Ayres CEVAERD

As balsas do rio Itajaí - Mirim

O aproveitamento das matas na região do Itajaí-Mirim, iniciou-se com o pioneirismo de Pedro J. Werner, Francisco Sallentin e Paul Kellner, donos de grandes extensões de terras, poucos anos antes da instalação oficial da Colônia Itajaí-Brusque, em 1860.

Houve outros, segundo as crônicas, donos de áreas menores que beneficiavam a madeira em engenhos primitivos, mas os principais foram os citados, notadamente Pedro J. Werner.

No período 1870-80, com a chegada das primeiras levas de imigrantes italianos, instalados nas linhas Ouro, Pôrto Franco, Águas Negras, Limeira e Lageado, as derrubadas tomaram intensidade principalmente nas terras compreendidas entre as confluências dos ribeirões das Águas Negras e Thieme com o Itajaí-Mirim.

Instaladas em regiões montanhosas essa imigração tinha poucas condições favoráveis para a lavoura, apenas os terrenos alagadiços, com passagem de pequenos ribeirões, eram mais aproveitadas, para cultura de arroz.

Êsse aspecto negativo, além de outros, principalmente da grande entrada de colonos sem planejamento inicial, resultou na retirada em grande número de famílias para outras colônias do Estado.

A solução para a sobrevivência eram as matas, com o aproveitamento, especialmente, da madeira de lei, canela e peroba.

Raros os italianos com recursos próprios para montagem de engenhos de serrar; encontraram porém apoio em comerciantes na sede.

Multiplicando-se os engenhos nas linhas mencionadas, o desmatamento entrou em proporções enormes e desordenadas. O respeito aos limites dos lotes raramente era observado e as derrubadas só paravam na última caneleira ou perobeira.

Atendidas as necessidades locais, procuraram os comerciantes, com bons lucros, a exportação, comércio liderado por João Bauer, dono de muitos engenhos e de 3 barcos no pôrto de Itajaí.

Da barra do Thieme ao Ouro, do Ouro a Pôrto Franco, Águas Negras até o Cedro, viam-se empilhadas madeiras na margem do rio aguardando transporte para a sede.

A estrada, que ainda hoje conserva o traçado, pelo seu primitivismo, não oferecia segurança, principalmente na época das chuvas. O recurso era aguardado com a cheia do rio, mais primitiva, mais barata, apesar de perigosa, porém decisiva. O perigo se encontrava nos acidentes do rio, muitas itoupavas e saltos, o maior em Águas Negras.

João Batista Barni, há pouco falecido, descreveu-me, certa vez, detalhes da forma do transporte de madeiras em balsas, dos pequenos portos ou estaleiros à margem do rio, até à área comercial.

Inicialmente os balseiros formavam blocos de 12 a 14 dúzias de táboas, reunidas com imbirá, fibra vegetal muito forte, abundante na mata beira rio. Cuidadosamente, êsses blocos eram conduzidos pelo rio até os grandes poços localizados entre "Grosser Fluss" e a sede.

Suprido o mercado local, os responsáveis desmontavam os blocos para formarem balsas de 90 a 100 dúzias, prontas para a viagem até Itajaí e entregues aos destinatários em seus armazéns.

O percurso de Brusque até êsse pôrto era feito em 5 dias, dependendo do volume das águas do rio, requerendo cada balsa de 2 a 3 homens.

O regresso dos balseiros era feito a pé, em duas etapas; chegados a Brusque hospedavam-se, nos primeiros tempos no albergue de Margarida Zibardi (esquina da rua das Carreiras com a rua do Colégio), mais tarde no de Sabina Bianchini e mais recentemente no pequeno hotel e restaurante de Paulo Bianchini (edifício da Telefônica atual). No dia seguinte, cedo, iniciavam a última caminhada, Pôrto Franco e Ribeirão do Ouro.

Aliás, nos dias em que formavam as balsas, essas hospedarias atendiam os balseiros, gente humilde, italianos e descendentes já nascidos em Brusque,

As refeições depois de iniciada a viagem eram feitas na própria balsa assim como o repouso noturno, sob pequenos tôldos.

A navegação em nosso rio verificou-se até 1930, com balsas e lanchas, estas transportando mercadorias, e, as vêzes, passageiros, desaparecendo lentamente, pois, com limpeza do mato e matagais situados nas margens, o leito ficava obstruído por grandes e pequenas árvores, contribuindo também para a dificuldade, as enchentes periódicas, que depositavam, em tôda extensão do rio, enormes troncos, ameaçando as embarcações.

Os caminhões de carga, por volta de 1925 começando a aparecer, oferecendo transporte mais rápido, terminaram, definitivamente com a navegação do rio Itajaí-Mirim.

Lanchas e balsas, atracadas em nosso pôrto, lado direito do rio, junto ao pilar da ponte Vidal Ramos, eram motivo de alegria para meninos e moços naqueles tempos. Achavam excelentes as balsas pela extensão, que permitia corrida para dentro d'água, e os corredores que existiam nos dois lados das lanchas, que serviam de trampolins.

Os menores se banhavam inteiramente nus e os "marmanjos" com calções, sendo a roupa guardada nas lanchas ou nos capinzais próximos. O banho terminava quase sempre com o chôro desesperado dos menores, cuja roupa, principalmente as mangas das camisas, apereciam com nós muito apertados, que os maiores faziam.

ARQUIVOS EM FOCO

Sebastião CRUZ

Numa valiosa colaboração que, sinceramente, agradeço, o snr. Walter F. Piazza, com data de 19 de Agôsto do corrente ano, endereçou uma carta ao Diretor desta Revista, snr. José Ferreira da Silva, com a seguinte observação: "No seu valioso "Blumenau em Cadernos", Tomo X, n.º 9, pg. 104 e seguintes, há uma colaboração de Sebastião Cruz, "Arquivos em Foco", em que o autor situa a Colônia Dom Affonso como se fôsse hoje Nova Trento. Na realidade, a Colônia Dom Affonso foi a sucessora da Colônia Nova Itália, de Demaria & Schutel, como ensina Lucas A. Boiteux, em "Primeira página da Colonização Italiana em Santa Catarina", in fine. A sede da aludida Colônia situava-se as margens do Rio Tijucas, na estrada que liga São João Batista à Tigipió, antiga Boa Vista, no local que se denomina, até hoje, de "Colônia".

Tem razão o snr. Walter F. Piazza. Nova Itália, depois Dom Affonso, fundada em 1836, situava-se no Ribeirão Alferes, onde deságua no Rio do Braço, afluente do Rio Tijucas. O que houve de comum nas duas colônias, foi o elemento humano - italianos, por sinal a primeira dessa nacionalidade, em nosso Estado, que foi a de Nova Itália (de onde vieram as famílias espalhadas pelo Estado e aqui mesmo em Blumenau residindo: Zunino; Busano; Pesco, hoje Peixar; Nocetti; Demoro; Caviglia; Rilla; Peres e outros). Outro fato curioso ocorrido com as Colônias Nova Itália e Nova Trento, verificou-se nas suas administrações. Nova Itália foi administrada pelo cidadão suíço Lucas Boiteux, pai do Coronel Henrique Carlos Boiteux, justamente êste quem veio a ser o primeiro Superintendente de Nova Trento, quando da sua emancipação, troncos da tão nossa conhecida família Boiteux. Tudo como se constata das obras "Escorço Biográfico do Coronel Henrique Carlos Boiteux" e "Nova

Trento (Monografia)" pelo Cel. Henrique Carlos Boiteux; "Colonização do Estado de Santa Catarina" de Jacintho Antônio de Mattos; "Monographia do Município de Nova Trento", por Francisco Mazzola; "Tijucas Grande e Pôrto Bello" pelo Almirante Henrique Boiteux; "Brusque" de Osvaldo R. Cabral (fl. 5); "Números de Santa Catarina" Pub. do Dep. Est. e Pub. de SC. n.º. 8, pag. 17; e a obra citada pelo snr. Walter F. Piazza. Portanto, eu mesmo extranho o lapso que cometi, pelo que me escuso junto aos caros leitores.

Vale aqui focalizar alguns documentos inéditos, relacionados com a "Colônia Nova Itália", depois "Colônia Príncipe Imperial Dom Affonso".

"São João Baptista do Alto Tijucas", hoje próspero município, com suas indústrias, destacando-se as dos calçados e de açúcar, inclusive dispendo de uma estação de Rádio Difusora, já em 1834 formava-se em povoação, sob o comando do Capitão de Milícias João Amorim Pereira que ali vivia com a família e escravos, em enorme latifúndio (alcançando as terras da Colônia Nova Itália, dando margem, por essa razão, a protestos junto ao Governo Provincial) próximo a confluência do Rio do Braço com o Rio Tijucas - obras citadas.

A Colônia Nova Itália passou por terríveis provações, como a grande enchente, com vendavais, de 1838 (9, 10 e 11 de março) e os dois trágicos ataques dos Bugres em 1837 e 1839 (janeiro), matando da primeira vez 4 homens, 1 mulher e 1 criança e na segunda, 3 homens e 5 mulheres, além de 3 crianças mutiladas, resultando o afastamento de colonos. O Diretor da Colônia Lucas Boiteux, encontrou sempre apoio, mormente nos momentos difíceis, da parte de seu amigo Capitão João de Amorim Pereira, no que era também solicitado pelo Governo da Província, junto ao qual o Capitão Amorim gozava de grande conceito. Haja vista que a reclamação que fêz pela invasão de suas terras pelo Governo, afim de formar a Colônia Nova Itália, resultou a Lei n.º. 79 de 2 de Maio de 1837, regulando o assunto, válido, naturalmente, para tôdas as Colônias que se pretendesse formar na Província. Conseguiu ainda, o Capitão Amorim, a criação da Freguezia de "São João Baptista do Alto Tijucas", - Lei n.º. 90, de 19 de Abril de 1838, - da qual ficou sendo o seu encarregado da parte do Governo, tendo doado os terrenos para a instalação da sede. Esta foi a primeira Freguezia criada no Vale do Tijucas, se bem que inicialmente sob a jurisdição de São Miguel. Foi o próprio Capitão Amorim quem promoveu, junto ao Governo da Província, as demarches para corrigir essa anomalia, passando todo o Vale do Tijucas, como de fato ocorreu com a solução da questão de limites entre São Miguel e Pôrto Bello, através de várias leis provinciais, para que fôsse a "Freguezia de São João Baptista das Tijucas Grande", na qual se inclui a Colônia Nova Itália, incorporada ao Térmo como do Município de Tijucas, o que veio acontecer pela Lei de 4-4-1859 e instalado em 13 de Junho de 1960 (a sede de Pôrto Belo passou para Tijucas).

Com a morte de Lucas Boiteux (29-3-1844), os empreendedores da Colônia Nova Itália, entregaram a Direção da mesma, ao Capitão Amorim. Dois anos após, o Presidente da Província, Marechal Antero José Ferreira de Brito, baixou a ordem de 3 de Maio de 1846, considerando devolutas as terras pertencentes à concessão Demaria & Schutel e mudando o nome da Colônia Nova Itália para "Colônia Príncipe Imperial Dom Affonso", homenageando ao primeiro filho de D. Pedro II. A Ordem de 3 de Maio de 1846,

foi proclamada por Edital da Câmara de Pôrto Belo, datado de 25 de Junho de 1846 - Liv. de Registro n.º 3, fls. 95, como segue: - "EDITAL - Por deliberação da Câmara Municipal desta Villa, se faz público que o Exmo. Presidente desta Província, pela sua ordem de 3 de Maio findo criou um Distrito de Colônia, com a denominação do PRÍNCIPE IMPERIAL DOM AFFONSO, a qual compreende à esquerda do Rio Tijucas Grande e a direita do Ribeirão do Braço, a saber: no Tijucas principiando nos limites das terras compradas por Sheridan a Viúva de Boiteux, seguindo para cima (sic), e no Ribeirão (não diz qual - deve ser o do Braço) principiando tão bem (sic) nos limites das terras pertencentes a Pedro José, seguindo igualmente para cima, esta Colônia será formada de Nacionais e Estrangeiros, na forma do art. 12 da Lei Provincial n.º 49, de 5 de Junho de 1836, e serão nas terras distribuidas com preferência aos sardos, ou a outros estabelecidos há muitos anos, com atenção a não desocuparem as terras já estabelecidas e beneficiadas: Pelo que a Câmara convida e chama a todos aquêles que não tiverem terras próprias para trabalhar, quer Nacionais, quer Estrangeiros que se vão estabelecer na dita Colônia. E para que chegue a notícia de todos; mandou a Câmara lavrar quatro Editais de um teor o que serão publicados e afixados nos lugares de costume, um nesta Villa, outro em Thejucas (sic), outro em Camboriú (sic) e outro em Ithajaby. Villa de Pôrto Belo, 26 de Junho de 1846, eu Antônio José Pereira, Secretário da Câmara que o escrevi. O Presidente, Bernardo Dias da Costa. O Secretário, Antônio José Pereira".

A Ordem acima, foi encaminhada à Câmara de Pôrto Belo, com o Offício de 15 de 1846 - arquivado sob n.º 956 - firmado pelo Presidente da Província, Antero J. Ferreira de Brito, nos seguintes têrmos: "Aqui acharão Vmcês. o incluso Exemplar de minha ordem de 3 de Maio do corrente que designou o Distrito da Colônia do Príncipe Imperial Dom Affonso, e cópia autêntica das instruções que nesta data tenho remetido ao Inspetor da mesma Colônia João d'Amorim Pereira, pelas quais êle se deve reger".

"E sendo inegável que estabelecimentos desta natureza são sempre em benefício dos Municípios em que se acham colocados, creio que não precisará recomendar, nem lembrar a Vmcês. que é do seu dever aconselhar o estabelecimento ali aos seus Municípios, que por ventura não tenham terras próprias para trabalhar, quer Nacionais, quer Estrangeiros que nêle residem, para o que será conveniente afixar Editais convidando para êste fim a uns e outros".

"Estou que Vmcês. por seu próprio interesse tomarão na dívida consideração esta minha recomendação, pelo que lhes darei os bens merecidos louvores".

"Deus Guarde à Vmcês. Palácio do Gôvêrno de Santa Catarina em 15 de Junho de 1846" (assinatura com fortes traços, caracterizando a personalidade e a autoridade do Presidente) "Antero J. Frra. de Brito" - "Snrs. Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Pôrto Belo".

Para completar os 3 documentos acima citados, veremos agora as Instruções citadas no officio já transcrito, ou seja a cópia autêntica, do arquivo da Câmara de Pôrto Belo (n.º 957), numa caprichosa caligrafia, com seus itens em ordem bem posta:

"INSTRUÇÕES dadas ao Snr. Capitão João d'Amorim Pereira, Inspetor da Colônia do Príncipe Imperial Dom Affonso".

"1ª. Não tomará por ora conhecimento algum de terreno entre os limites de Scheridan e o Ribeirão da Boa Esperança, ainda que esteja compreendido no Distrito da Colônia".

"2ª. Procurará com negligência colonos tanto nacionais como estrangeiros, pelos quais poderá logo distribuir as sortes na forma do Artigo 2º. da Lei nº. 49, tanto acima do dito Ribeirão da Boa Esperança como no Ribeirão do Braço, logo acima de Pedro José".

"3ª. As sortes de terras terão em ambos os Ribeirões, as frentes para êles, e os fundos para a Serra, que as divide".

"4ª. As sortes, e seus limites, mais ou menos, serão indicados pelo Snr. Inspetor, mas os Colonos as farão medir dentro do prazo marcado na Lei, e com conhecimento do mesmo Snr. Inspetor para se passar depois o componente título".

"5ª. O Snr. Inspetor não consentirá que indivíduo algum se estabeleça no Distrito da Colônia, sem consentimento seu".

"Palácio do Governo de Santa Catarina, 15 de Junho de 1846. - Antero José Ferreira de Brito. Conforme (ass). João Francisco de Souza Coutinho. Secretário do Governo".

Em 1854, conforme esclarece Jacintho Antônio Mattos (obra citada - fls. 94/96) a Colônia Dom Affonso passou a fazer parte da Freguezia de São João Baptista, passando a reger-se pelas leis comuns, conjugando esforços para o progresso e desenvolvimento do fértil Vale do Tijucas.

Itajaí quer dizer: pedra laminada...

Silveira Junior

Um dos meus secretos desejos de conhecer Assunção era exatamente encontrar lá uma autoridade incontestada no idioma guarani. Como se sabe, o Paraguai é um dos raros países onde o idioma guarani é uma das línguas oficiais. Daí o meu raciocínio primário: lá deve haver um Laudelino Freyre da língua guarani. E de pesquisa em pesquisa, consultando a Biblioteca Nacional, a Faculdade Nacional de Filosofia e os estudantes nas ruas e lojas, encontrei o denominador comum: o homem se chama Reinaldo Decoud Larrosa (pronuncia-se Decô Larôça). A sua fê-de-ofício encheria uma página, mas eu me limitarei a citar êstes títulos: «Doutor em medicina e cirurgia, licenciado em Filosofia, Professor Titular de Língua Guarani da Universidade Nacional de Assunção, Tradutor da Bíblia para o idioma Guarani, Autor da Gramática do Idioma Guarani, Professora Universidade Mackenzie, de São Paulo».

x — x

Achar êsse homem em Assunção foi mais ou menos como achar Garcia no episódio da guerra cubana. Mas eu não sou pessoa que recue depois de fazer um plano. À noite, encontrei-o ensinando Teologia na Facul-

dade Evangélica de Assunção.

— Professor Decoud Larrosa. Eu moro numa cidade brasileira chamada Itajaí... E faz um século que vivemos discutindo o que essa palavra signifique em guarani. O senhor poderia tirar-nos dessa dúvida?

O professor Larrosa, que é um simpático velhote grisalho, de fala mansa e gestos tranqüilos, me mandou sentar e foi direto à resposta:

— Quero que o senhor escreva palavra por palavra o que eu vou ditar. Não esqueça que os índios usavam de grandes circunlóquiós para expressar certos pensamentos. E na sua toponímia sempre registravam coisas abundantes na região. Porisso lhe pergunto: «Nas proximidades do rio Itajaí existem pedras laminadas, que se chamam em geologia (e me citou o nome científico que eu não registrei)»?

— Existem umas pedras pretas, que nós chamamos de «pedra de amolar». Existe até uma localidade com êsse nome nas proximidades da foz do rio - esclareci. Há também grande quantidade de pedras lamináveis, claras, que se usam em revestimentos de paredes...

O professor me encarou com um sorriso vago, pediu-me para que trocasse o lápis por uma caneta, que me emprestou, e continuou:

— Não vá supor que tenho uma palavra mágica para definir êsse topônimo e não quero que os estudiosos da sua terra venham me contestar. Porisso lhe peço que seja absolutamente fiel no que passo a ditar. Vamos decompor a palavra:

ITA - Pedra laminada (êste sentido se deduz da composição da palavra, porque «ita», por si só, é «pedra» ou «minério», pois também os metais levam em seu nome o vocábulo «ita». O ferro chama-se «itaum», que quer dizer «minério preto» o cobre chama-se «itatã», etc.).

JA - Significa cimentado ou grudado com cimento.

AI - Quer dizer «feio». Nome que dão a um cimento irregular, mal formado, de aspecto desagradável e fácil de esfarelar, composto geralmente de lódo e pedras miúdas.

Leu o que escrevi, achou que estava conforme e me disse:

— A palavra quer dizer «pedra laminada» ou «laminável».

Eu objetei:

— Mas está sobrando um «a», professor. Pela decomposição, a palavra deveria ser ITAJAAI...

— Isso se chama «elisão». Usamos nós e usavam e usam os índios - foi a resposta.

Eu então voltei com outra história:

— Mas acontece que uma corrente de estudiosos acredita que a palavra signifique «rio dos taiás», porque nos primeiros mapas geográficos o vocábulo era grafado «Tajai» ou outras expressões semelhantes, que mantinham sempre o radical «tajá» ou «taiá»...

— É uma hipótese aceitável - disse o mestre Mas também é pos-

sível que o conquistador branco tenha registrado mal a pronúncia indígena. Há muitos casos semelhantes na toponímia aborígene.

Fêz uma pausa e concluiu:

— Uma coisa é certa: os índios não chamariam o rio de «Tajaí», se nas imediações não houvesse grandes tratos de taiá. E isso é um problema dos senhores... O que, porém, não resta a menor dúvida é que o topônimo, tal como se escreve hoje, quer dizer «pedra laminada» ou «pedra laminável». E creio que foi êsse o sentido da sua pergunta: «O que quer dizer Itajaí?»

Pela primeira vez, alguém decompunha o nome «Itajaí» sem ligar o «i» final à idéia de «rio» ou de «água». Porque tudo o que se supunha até agora («rio dos taiás», «rio das pedras», «água boa», «rio das formigas») continha essa conotação. Mas Decoud Larrosa entende que o último elemento etimológico do topônimo «Itajaí» não é a vogal «i» e sim o ditongo «ai».

x — x

Dei-me por satisfeito, agradeçi e saí para a cidade. Na garagem peguei uma pequena pedra, mostrei-a ao garagista, de olhos oblíquos de índio e perguntei:

— Como os índios chamam a isto?

E êle:

— “Tá” (a pronúncia do «i» quase não se percebia).

Levei a pedra no bolso e perguntei ao garçon:

— Como se chama isto em guarani?

— “Tá” (também com um «i» muito breve).

Conclusão: Se eu fôsse um português do século XVI ou um espanhol do século XVII e o índio me dissesse que o rio se chamava Itajaí (pronunciado o «ita» quase numa sílaba só, soprando o «i» e carregando no «tá») eu informaria a el-rei que o nome do rio era «Tajaí». Não sei se fui claro. Com isto quero dizer que saí da palestra com o professor Larrosa convencido de que o nome do nosso rio (que deu nome à nossa cidade) sai tirado ou das pedras lá de perto da Usina ou daquelas outras do Luiz Bella Cruz, ali nas imediações do Matadouro. Umhas pretas, outras claras, mas tôdas elas «laminadas» ou «lamináveis».

A atual cidade de Navegantes, fronteira à de Itajaí, na margem esquerda do Itajaí Açu, nem sempre foi conhecida por êsse nome. Em 1908, quando foi construída a tórre da antiga igrejinha, já demolida, o lugar era conhecido por “Povoação dos Amaros”. A primitiva capela era dedicada a Santo Amaro, embora ali existisse uma imagem de Nossa Senhora dos Navegantes que, anualmente, era festejada.

ELETRO—AÇO ALTONA S/A.

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Fone: 1338

Caixa Postal, 30 — Telegramas: ELAÇO

ITOUPAVA SÊCA — BLUMENAU

SANTA CATARINA

FUNDIÇÃO DE AÇO

LAMINAÇÃO

FÁBRICA DE MÁQUINAS

FÁBRICA DE FERRAMENTAS

FORJARIA

FUNDIÇÃO ELÉTRICA

SOCIEDADE COMERCIAL CATARINENSE LTDA.

«CASA BRUECKHEIMER»

DISTRIBUIDORES DE VELUDOS PARA

TAPEÇARIAS EM PADRONAGENS

COLONIAIS E LISAS!

PLÁSTICOS - TECIDOS - COURO

RUA CAP. EUCLIDES DE CASTRO, 29 — FONE, 1975

B L U M E N A U

SANTA CATARINA